

Avaliação da aprendizagem na Educação Básica no contexto do ensino remoto

Resumo

Este artigo objetiva discutir o processo de avaliação da aprendizagem na Educação Básica, no contexto do ensino remoto. O estudo, realizado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECIMAT), da Universidade Franciscana (UFN), tem caráter qualitativo, exploratório e bibliográfico devido à intenção de discutir um fenômeno presente no atual contexto social. A coleta de dados ocorreu por meio de um questionário on-line, respondido por professores da Educação Básica da região central do Rio Grande do Sul, no primeiro semestre letivo de 2020. Os elementos citados pelos professores trazem o entendimento da avaliação vista como um processo que engloba diferentes aspectos inerentes ao cotidiano escolar. Aspectos esses que valorizam habilidades e competências socioemocionais e pessoais devido à fragilização emocional em que todos se encontram. Desse modo, os resultados sugerem explorar diferentes meios para avaliar essas habilidades a fim de contemplar a diversidade e o contexto que o estudante se encontra.

Palavras-chave: Tecnologias digitais; Ensino remoto; Educação básica. Didática.

Recebido em: 15/10/2021
Aprovado em: 27/05/2022

Assessment of learning in Basic Education in the context of remote teaching

Abstract

This article aims to discuss the process of learning evaluation in Basic Education, in the context of remote teaching. The study, carried out in the context of the Postgraduate Program in Science and Mathematics Teaching (PPGECIMAT) at the Universidade Franciscana (UFN), has a qualitative, exploratory and bibliographic character due to the intention of discussing a phenomenon present in the current social context. The data collection occurred through an online questionnaire, answered by teachers of Basic Education in the central region of Rio Grande do Sul. in the first school semester of 2020. The elements mentioned by the teachers bring the understanding of evaluation seen as a process that encompasses different aspects inherent to everyday school life. These aspects value socioemotional and personal skills and competences due to the emotional fragility in which everyone finds themselves. Thus, the results suggest exploring different ways to assess these skills in order to contemplate the diversity and context that the student is in.

Keywords

Digital Technologies. Online Learning. Basic Education. Didactic.

Introdução

No *continuum* da experiência vital de cada ser humano, a avaliação perpassa por diversos momentos, tanto formal quanto informalmente. Através da escuta em uma conversa informal, observações, recados escritos entre outras ferramentas e ações, pode estar implícito um processo de avaliação. Os indivíduos estão sempre à “prova” de alguma coisa, principalmente no contexto do mercado de trabalho e essas experiências começam logo nos primeiros anos de escolarização básica.

162

Há muitas discussões em torno da avaliação da aprendizagem, uma tarefa que se configura complexa e envolve diferentes concepções e olhares em torno do contexto de atuação. Esse exercício é feito diariamente no cotidiano escolar, porém, a partir do primeiro semestre do ano de 2020 o mundo foi surpreendido pela pandemia do Coronavírus, que obrigou a conjuntura das escolas e demais órgãos trabalhistas se reorganizarem e adotar as aulas remotas para atender a essa excepcionalidade.

Esse contexto urge especulações de como avaliar a aprendizagem com tantos desafios a serem superados como, por exemplo, a falta de acesso à internet por muitos estudantes; professores com pouca formação voltada ao uso de tecnologias na educação; pais e responsáveis sem tempo de acompanhar o momento de interação entre estudante e professor; sobrecarga de trabalhos, entre outros fatores que impactam na vida de todos os envolvidos.

Nas aulas presenciais, o modelo de avaliação vista como produto, para “medir” o que o estudante sabe sobre determinado conteúdo, ainda é muito presente na realidade escolar, entretanto não sustenta todos os pilares de uma formação de qualidade e as demandas dos estudantes provenientes de uma era da informação facilitada. Esse sistema de avaliação que está sendo superado, com muitas controvérsias, não pode ser transferido para as aulas remotas de modo arbitrário, pois tem que ser lançado um olhar atento aos objetivos que a escola irá determinar para o momento, bem como a realidade de cada estudante.

Diante dessas questões, o artigo propõe discutir o processo de avaliação da aprendizagem na Educação Básica no contexto do ensino remoto. Para isso foi

realizado um estudo dos principais teóricos que discutem a avaliação, tecnologia na educação e aulas remotas. Com esse respaldo, serão apresentados e discutidos pontos destacados por alguns professores do ensino básico sobre a experiência de avaliar a aprendizagem no contexto do ensino remoto. As informações foram obtidas por meio de um questionário on-line, respondido no primeiro semestre de 2020, por professores da Educação Básica.

Avaliação da aprendizagem no ensino remoto

O termo avaliação é alvo de muitos debates entre estudiosos e atribuir um conceito de valor, acabado, é impossível diante da multiplicidade de concepções subjacentes a ela. Por trás de todo o conceito elaborado há um contexto histórico que o influencia diretamente e, nesse sentido, o termo avaliação da aprendizagem é bastante recente no Brasil sendo discutido a partir da década de 1960 e difundido em termos de lei somente na LDBEN de 1996. Antes disso, era utilizado o termo exames escolar para “medir” o processo de aprendizagem, no entanto é uma premissa ainda muito presente na realidade das escolas que mais concentram uma “pedagogia do exame” do que avaliação da aprendizagem (LUCKESI, 2013).

Estamos inseridos em um sistema que conserva paradigmas de verificação de aprendizagem, com vistas à promoção ou reprovação do estudante atribuído por uma nota. De acordo com Luckesi (2013, p. 48) “a verificação congela o objeto; a avaliação, por sua vez, direciona o objeto numa trilha dinâmica de ação”, por isso o autor sugere que os professores façam uso da aferição da aprendizagem, a fim de acompanhar as fragilidades e potencialidades do estudante.

Segundo Suassuna (2017), a avaliação oferece importantes informações para subsidiar o desenvolvimento do ensino em sala de aula em um processo contínuo de acompanhamento da aprendizagem. Esse desenvolvimento pode ter embasamento em três dimensões de avaliação: diagnóstica que prevê levantamento daquilo que o estudante já sabe; somativa que objetiva o resultado e a formativa que leva em conta o processo da construção do conhecimento. Ao usar as três dimensões em conjunto, pode-se obter um rendimento de profunda qualidade no processo de ensino e aprendizagem.

Esses princípios são bastante desafiadores em aula presencial, mas no atual contexto de distanciamento social, com a incorporação das aulas remotas, os desafios aumentaram no que tange à avaliação de habilidades e competências.

O ensino remoto foi implementado em todo Brasil para dar continuidade às aulas, e dessa forma, foi confundido com educação à distância (EAD). Entretanto esses dois conceitos diferem em seus princípios.

O termo remoto significa distante no espaço e se refere a um distanciamento geográfico. O Ensino Remoto ou aula remota se configura então, como uma modalidade de ensino ou aula que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e estudantes e vem sendo adotada nos diferentes níveis de ensino, por instituições educacionais no mundo todo, em função das restrições impostas pela COVID-19, que impossibilita a presença física de estudantes e professores nos espaços geográficos das instituições educacionais (MOREIRA; SCHLEMMER, 2020, p. 8)

O ensino remoto, portanto, possui um caráter emergencial para continuar atividades pedagógicas por meio de ferramentas tecnológicas. Ocorre de modo síncrono (ao mesmo tempo que as aulas presenciais, via Tecnologias de Informação e Comunicação - TIC) e assíncrono (momento que o estudante acessa o conteúdo na hora que lhe convém, via Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA, materiais impressos, TV, Rádio). O processo de interação ocorre entre professores e estudantes de modo on-line ou não, sem a participação de outros profissionais, como os tutores no EaD.

A modalidade de ensino EAD, por sua vez, pressupõe distanciamento geográfico e tempo diversos entre estudantes e professores; um planejamento e estrutura curricular organizadas previamente; aulas síncronas e assíncronas com interação via Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA); professores conteudistas e tutores para assessoria pedagógica e interação com os estudantes; polo de apoio às atividades presenciais; avaliações presenciais e virtuais, entre outros.

Como a implementação dessas aulas vem acontecendo? E a avaliação da aprendizagem, como está sendo realizada? Escolas privadas bem como instituições de ensino superior, em sua maioria, conseguiram estabelecer um canal de comunicação entre professores e estudantes para dar continuidade às aulas logo após o anúncio pelo governo federal do início da pandemia. No entanto, as escolas públicas estaduais,

municipais e federais, demoraram um pouco mais: algumas anteciparam férias e tiveram um tempo de formação continuada para os professores se ambientarem às novas plataformas de comunicação e assim dar início às transmissões via internet. Enquanto isso, àqueles que não possuem acesso à internet conseguem pegar os materiais impressos nas escolas e fazem a devolutiva do mesmo modo (presencial).

Na perspectiva remota, se preza pelo vínculo entre professor e estudante para que não se perca essa interação tão importante com a escola, principalmente na educação infantil. O cuidado com a proposta das atividades foi redobrado, pois precisam ser acessíveis e compreensíveis para os familiares que auxiliam as crianças e jovens nessa nova jornada de estudos. Além disso, estratégias de exposição dos materiais e conteúdos também foram repensados, pois não há como transferir modelos de ensino presencial na íntegra, para o ensino remoto, pois este último exige maior atenção, autonomia e tempo, portanto, conseqüentemente há um maior desgaste cognitivo.

A avaliação, em um primeiro momento, não foi pensada por muitos profissionais, pois a emergência era se adaptar a esse novo modo de comunicação entre estudantes e professores. Porém, após essa adaptação, os aspectos pedagógicos desse ensino remoto precisaram ser repensados e com isso a avaliação foi, e está sendo, alvo de preocupação entre os educadores. Nesse contexto, os professores têm voltado seu olhar para o desenvolvimento de competências em seus estudantes. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define competência como “a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (BRASIL, 2017). Desse modo, para o indivíduo ser competente em determinado campo, precisa ter um conjunto de habilidades para fazê-lo. A partir dessa perspectiva que entra as ações pedagógicas para viabilizar a construção dessas habilidades.

Destaca-se que nesse momento, antes de tudo, é exímio manter os estudantes engajados e motivados para aprender, o que talvez seja um dos maiores problemas a serem enfrentados pelos professores. Por isso, mais do que nunca se faz necessário investir no relacionamento interpessoal para manter e fortalecer os vínculos entre os indivíduos que compõem a comunidade escolar.

Nesse momento, algumas reflexões convêm serem feitas a respeito da função da avaliação. A avaliação deve estar atrelada à função da escola e do contexto do estudante; da sua realidade, bem como dos objetivos e critérios construídos em conjunto por professores e estudantes. Ela tem um caráter de acompanhamento do desempenho e é subsídio ao professor e ao estudante para se autorregularem enquanto sujeitos de um processo de troca de conhecimentos. Nesse sentido, e tendo em vista que o estudante vai para a escola para ser qualificado e não promovido ou reprovado, acredita-se ser importante se indagar sobre as seguintes questões: Avaliar o quê? Como vou avaliar? Para quê vou avaliar? A avaliação formativa é muito bem-vinda nesse momento, e nesse sentido

[...] esqueçam as notas e as classificações. Foquem-se numa avaliação que possa gerar mais aprendizagem. Reduzam ao mínimo indispensável a parafernália das evidências, dos registos digitalizados. Não estamos no tempo do classificar, do ordenar, do hierarquizar, do premiar e do sancionar. Estamos num tempo de uma avaliação para as aprendizagens relevantes para a vida. Esqueçam os programas. Centrem-se nas aprendizagens essenciais e no perfil desejável do estudante à saída da escolaridade obrigatória. Nos conhecimentos, nas atitudes, nos valores que é importante promover e desenvolver [...] (ALVES, 2020, p. 97).

O excerto, muito bem descrito pelo professor José Matias Alves, ressalta que transferir modelos de avaliação que vinha sendo feito no ensino presencial, não dará conta de acompanhar e auxiliar o estudante nesse novo ambiente de aprendizagem. Os objetivos, critérios, instrumentos e metodologias têm que serem redefinidos de acordo com as demandas do contexto social.

Com o advento da BNCC, a avaliação por competências tornou-se alvo principal para os novos rumos da educação como já mencionado acima, ou seja, é necessário repensar para quê avaliar e como avaliar. A perspectiva da avaliação por competências aproxima o estudante das situações cotidianas o que emerge significado para tal atividade. Araujo e Rabelo (2015, p. 451) destacam que “a abordagem por competência torna-se uma ferramenta que estabelece uma relação mais flexibilizada entre a construção do conhecimento e a transposição desse conhecimento para ações cotidianas”. Vai além de investigar saberes e conhecimentos pautados em atividades reprodutivas, integra um repensar da práxis pedagógica.

As atividades pedagógicas que fazem parte de uma avaliação por competências possuem o letramento como pano de fundo desse processo, pois possibilita a compreensão dos usos e funções de determinados conteúdos e novos conhecimentos em nossa sociedade. Para mobilizar determinadas competências, o estudante também mobiliza a sua integridade e subjetividade que compreende aspectos afetivos, socioemocionais, cognitivos e atitudes. Portanto, a competência “[...] se constitui na possibilidade de ampliação, de integração e de complementação desses elementos, a partir do valor de uso que eles possam apresentar em uma determinada ação” (ARAÚJO; RABELO, 2015, p. 451).

Dessa forma, é importante pensar nas atividades que serão propostas e o objetivo dessas para determinado contexto. As competências por vezes irão se combinar, mas cada situação exige uma ou mais para efetuar a proposição. Por isso que avaliar por competências exige intencionalidade. E agora, mais do que nunca, competências socioemocionais e pessoais podem ser exploradas a fim de manter uma relação saudável entre os seres humanos.

O momento requer generosidade, empatia e alteridade para traçar um caminho com decisões concisas e coerentes com as concepções que se preza no discurso para não cair na hipocrisia. Além disso, os papéis dos atores do processo educativo também são redefinidos. Oliveira e Amante (2016) entendem que estudante no AVA passa a ter participação ativa na construção do seu conhecimento, por outro lado, o professor tem o desafio de criar diferentes ambientes de aprendizagem que valorizem o caráter formativo da avaliação relacionando-se com contextos significativos para os estudantes. Para isso, é fundamental que ambos, professores e estudantes confiem na capacidade de cada um, respectivamente, de ensinar e aprender.

Tecnologias da informação e comunicação (TIC) na avaliação da aprendizagem

Nesse momento histórico é crucial discutir as tecnologias da informação e comunicação (TIC) integradas à educação. Um processo que vem sendo implementado, vagarosamente, há alguns anos nas escolas, de modo abrupto, se tornou essencial e indispensável para ter acesso e continuidade das aulas em todos os níveis de escolarização.

No âmbito presencial, ainda que incipiente, algumas atividades pedagógicas baseadas em princípios que envolvem as tecnologias vinham sendo desenvolvidas nas salas de aula. Há dois polos de compreensão, um que concentra professores, crentes no potencial das tecnologias para promover uma aprendizagem mais dinâmica, e outro polo resistente à incorporação das TIC em suas aulas. Essa dicotomia sempre haverá, entretanto, cada vez mais é observável que diferentes tipos de tecnologias fazem parte do cotidiano dos estudantes e esses demandam um planejamento diferenciado, mais dinâmico e atrativo. Nesse sentido, as TIC têm muito a contribuir, desde que usada com objetivos claros e fins definidos.

Hoje, ferramentas que eram utilizadas para reuniões são utilizadas para mediar o contato entre estudantes e professores. Os docentes enfrentam carências de formação adequada para explorar esses recursos que a tecnologia oferece o que tornou o trabalho mais exaustivo, porque além de aprender e se ambientar nesse novo espectro de ensino, possuem o desafio de preparar aulas que sejam dinâmicas e atrativas para o estudante. Para esse enfrentamento, é importante que o trabalho docente tenha “[...] embasamento em metodologias dialógicas e de busca de conhecimentos de forma autônoma, reforçada por ações coletivas e colaborativas entre os estudantes para a promoção da interação” (BULEGON; PRETTO, 2020, p. 7).

Nessa perspectiva a avaliação tornou-se outro desafio a ser enfrentado e com isso mais do que nunca se sugere ter muito claro os objetivos e competências que queremos mobilizar nos estudantes. É importante que “quem avalia sabe o que avaliará e quem é avaliado sabe como e porque está sendo avaliado” (SANTOS; LIMA, p. 80), portanto os critérios devem estar claros e concisos com a prática a ser efetuada.

Considera-se importante ter um canal de comunicação entre os interlocutores (estudante e professores) que permitam a interação para manter o vínculo com os colegas e escola, principalmente na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. Valorizar o processo é essencial, e nessa dinâmica de interação o professor deve ter um olhar sensível e deleitar uma “[...] mediação pedagógica amorosa, cuidadosa, que respeita e valoriza as diferenças de opiniões, problematizando e incentivando a continuidade do diálogo” (SANTOS; LIMA, p.92).

Variar os instrumentos para se acompanhar a aprendizagem é essencial para contemplar a heterogeneidade dos estudantes. Bulegon e Pretto (2020) citam algumas ferramentas digitais de autoria para os professores criarem conteúdo digital: blogs, redes sociais, conteúdos multimídias (Prezi, YouTube, Slideshare, Power Point, entre outros.), ferramentas colaborativas (Google drive, Dropbox, outras), além de diversas plataformas digitais de interação e AVA.

Outro elemento importante para avaliar a aprendizagem utilizando as tecnologias é a atenção para o feedback imediato aos estudantes.

Elaborar um feedback não é uma tarefa fácil e implica ter uma concepção sobre a aprendizagem e o ensino e deve ser integrado num contrato didático; deve também ter em atenção as características individuais do estudante, a tarefa e o grau de relevância e, acima de tudo, deve ajudar a reorganizar e a reajustar ação do professor de modo a que ele possa regular mais eficazmente as aprendizagens (DIAS; OLIVEIRA, 2016, p. 106).

Nesse sentido, é importante valorizar o processo de autoavaliação, em que o estudante olha para o seu desenvolvimento durante a disciplina e destaca aspectos que considera importantes para rever e investir. O professor também deve se autoavaliar para repensar sua prática pedagógica de forma a qualificá-la para futuras interações.

Também se considera importante levar em conta a falta de acesso à internet por muitas crianças e jovens, principalmente do ensino público, por isso, há de se ponderar alguns aspectos relativos ao contexto

Metodologia

Esse estudo foi desenvolvido, no primeiro semestre de 2020, no âmbito da disciplina de Tópicos especiais em Ensino de Ciências e Matemática, do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECIMAT), da Universidade Franciscana (UFN). O estudo, por caracterizar uma discussão e reflexão sobre o atual momento educacional, segue uma abordagem qualitativa. De acordo com Pádua (2018) a pesquisa qualitativa objetiva observar e interpretar a realidade, por meio de diferentes procedimentos metodológicos sem pretensões de estabelecer leis universais e sim refletir sobre determinados fenômenos.

Com esse entendimento, foi desenvolvido um trabalho de cunho bibliográfico, cujos materiais consultados são de domínio público, já publicados em meio eletrônico bem como impresso. Severino (2013, p.76) caracteriza a pesquisa bibliográfica como aquela que se utiliza “[...] de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados”. Por isso é importante refletir sobre o que já tem produzido para suscitar novas discussões de acordo com o contexto sócio-histórico que está sendo vivenciado.

Desse modo, quanto aos objetivos, a pesquisa se caracteriza como exploratória, pois “[...] busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto” (SEVERINO, 2013, p. 76). Ao trilhar o movimento de avaliar a aprendizagem durante a pandemia, buscou-se um panorama que manifestasse as principais dificuldades, anseios e possíveis caminhos para se tomar nessa caminhada durante pandemia e pós-pandemia.

Para a coleta de dados, utilizou-se um questionário on-line, aplicado a professores da Educação Básica da região central do Rio Grande do Sul, no primeiro semestre letivo de 2020, por meio da plataforma *Google Forms*, encaminhado via *e-mail* e redes sociais. O objetivo do questionário foi de investigar a elaboração do planejamento de ensino e de avaliação da aprendizagem, no contexto de ensino remoto. As questões contemplaram os diferentes momentos de um planejamento de ensino e de avaliação, foco deste trabalho. Os resultados desse estudo serão discutidos a seguir.

Resultados

Diante da demanda do ensino remoto e as angústias advindas de todos os envolvidos na comunidade escolar, com esse novo modo de prosseguir as aulas, sentiu-se a necessidade de dar voz aos professores da Educação Básica para expressarem suas percepções acerca do processo de planejar suas aulas nesse momento em que as telas dos computadores e celulares se tornaram o principal meio de interação. Dentre as perguntas relativas ao ato de planejar, incluía de que maneira era pensado o processo de avaliação, que caracteriza o foco de discussão deste trabalho.

O questionário contou com 31 respondentes, que se disponibilizaram de livre e espontânea vontade compartilhar suas experiências do processo de elaboração do planejamento de ensino das atividades de ensino remotas. Os participantes atuam na rede pública e privada de ensino, sendo 53,8% em rede pública, 34,6% em escola privada e 11,5 % lecionam em ambas.

Os respondentes são docentes de diversas disciplinas, a saber: Unidocência (9); Física (1); Matemática (1); Estatística (1); Matemática financeira (1); Filosofia (3); Ciências (2); Informática (1); Língua Portuguesa (2); Língua espanhola (1); Disciplinas metodológicas (1); História (1); Sociologia (1) Ensino religioso (2); Sociologia (2); Química (2); Geografia (2); Robótica (1).

A formação em nível de graduação dos participantes se distribui da seguinte forma: Ciências da Natureza (2); Educação física (1); Física (1); Filosofia (1); Geografia (2); Letras (3); Matemática (1); Pedagogia (9). Onze participantes que não responderam.

Ao serem questionados *“de que maneira é pensado o processo de avaliação”*, os participantes dissertaram acerca da sua realidade. Os trechos a seguir apresentam algumas respostas formuladas pelos professores em seus relatos.

“A avaliação como um processo contínuo. Porém, temos alunos que não tem acesso à internet e para eles são propostas atividades impressas. Nesses casos não temos como avaliar. Os demais são avaliados de acordo com a participação e retorno das atividades que são propostas. Fazemos relatórios semanais da turma” (PROFESSORA 1, 2020).

“Neste momento mais diagnóstica” (PROFESSORA 2, 2020).

“Pelo retorno e participação” (PROFESSORA 3, 2020)

“Como uma descrição de comportamentos dos estudantes: assiduidade, pontualidade, responsabilidade, cooperação, conhecimentos desenvolvidos” (PROFESSORA 4, 2020).

“Processo de avaliação ainda está sendo pensado pela coordenação junto com a rede” (PROFESSORA 5, 2020).

A figura 1 apresenta uma síntese das palavras-chave desses relatos e assertivas que caracterizam a forma como esse grupo pensa a avaliação no ensino remoto.

Figura 1 – Síntese das respostas dos professores pesquisados acerca do processo avaliativo no Ensino Remoto



Fonte: dados da pesquisa

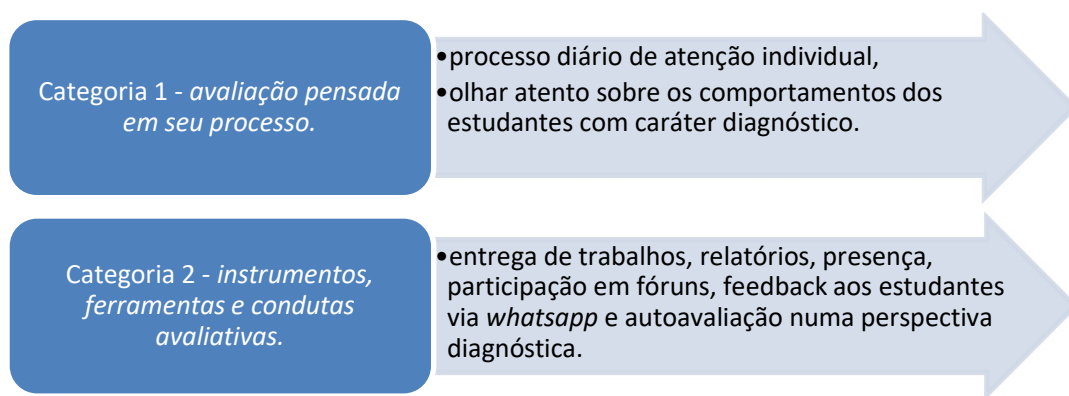
Com essa síntese pode-se destacar que a participação, atividades, propostas, retorno, atividades, pontualidade, responsabilidade, entre outros, são alguns dos aspectos mais citados pelos professores pesquisados.

Além disso, com as respostas emitidas pelos participantes, emergiram duas categorias de análise: a) *avaliação pensada em seu processo*; b) *instrumentos, ferramentas e condutas avaliativas*.

Em relação à primeira categoria (*avaliação pensada em seu processo*), alguns professores ressaltaram que consideram o processo valorizando as potencialidades dos estudantes, com o olhar atento e sensível do docente a cada criança. Também destacam que é um processo que acontece diariamente como uma descrição de comportamentos de caráter diagnóstico. Por isso entendem que não será somente uma prova final que irá constituir a avaliação nas atividades remotas e sim considerar todo o processo que envolve esse percurso.

A segunda categoria (*instrumentos, ferramentas e condutas avaliativas*) expressa os diferentes instrumentos, ferramentas e estratégias metodológicas utilizadas pelos professores que viabilizam o processo avaliativo. Foram citados entrega de trabalhos, relatórios, presença, participação em fóruns, feedback dos estudantes via *whatsapp* e autoavaliação numa perspectiva diagnóstica. A figura 2 ilustra os destaques de cada uma das categorias:

Figura 2- Síntese das categorias de análise



Fonte: dados da pesquisa

Apontaram também que o processo avaliativo ainda estava em debate e que a avaliação dos estudantes sem acesso à internet é difícil, pois essa depende da análise textual das atividades devolvidas aos professores e nem sempre possível de identificar comportamentos dos estudantes.

Ainda que tenha situações em que a pauta da avaliação esteja em debate, não definida, percebe-se que os professores utilizam aquilo que se tem em mãos, as ferramentas e recursos que são disponíveis na internet, mesmo tendo que apropriar-se desses novos conhecimentos. As categorias, elencadas acima, refletem princípios de um paradigma em ascensão, de pensar a avaliação como um processo, diversificado e ao mesmo tempo singular, por abranger as diferenças entre os estudantes.

É possível inferir que alguns participantes demonstraram francamente que o processo de avaliação ainda não está definido para o contexto das aulas remotas. Em paralelo, segue-se avaliando os comportamentos que os estudantes vêm apresentando por meio de entrega de trabalhos, fóruns, retornos via *WhatsApp*. Alguns professores enfatizam

que levam em conta o processo do estudante, mas a pergunta que fica, como isso se reverterá, ou não, em notas posteriormente?

Análise e discussões dos resultados

Ao trabalhar com uma concepção de avaliação diagnóstica estamos caracterizando “[...] a intenção prévia do professor para providenciar ações orientadas da prática educativa” (GRILLO; LIMA, p.17, 2010). Para o contexto da pandemia é bastante válido, pois o professor precisa verificar o nível em que os estudantes estão para promover atividades que potencializem esse transcurso a fim de ressaltar o que já vinha sendo trabalhado.

Quando se pergunta sobre a avaliação, é porque se entende que ela faz parte de uma mesma atividade pedagógica, junto com aprender e ensinar, é intrínseca a esse processo. Por isso ao pensar no planejamento de ensino, é importante idealizar como avaliar e por isso verificar a viabilidade das atividades propostas ao contexto do estudante.

Dessa forma, corrobora-se com as autoras supracitadas, quando afirmam que é importante que os professores tenham objetivos muito bem claros das atividades que propõem, com critérios compreensíveis e suficientes para que se torne visível a relação entre ensino, aprendizagem e avaliação. Assim, é entendido por todos os envolvidos e fica transparente, firmando um compromisso com o ensino e aprendizagem, tornando-se um instrumento regulador desse processo (GRILLO; LIMA, 2010).

Os elementos citados pelos professores trazem o entendimento da avaliação vista como um processo que engloba diferentes aspectos inerentes ao cotidiano escolar. Explorar diferentes instrumentos avaliativos é fundamental para contemplar as múltiplas inteligências dos estudantes e nesse sentido, as ferramentas digitais contribuem para diversificar as aulas. Vieira (2016) salienta que com a era tecnológica, novas competências são necessárias ser desenvolvidas, que além de englobar aquilo que o estudante sabe, é importante que o estudante saiba o que fazer com aquilo que ele já sabe. Por isso é crucial desfrutar da criatividade e interação nesse momento.

Transferir modelos tradicionais de avaliação para o ensino remoto, utilizar padrões de provas escritas sem consulta, com tempo determinado, é fazer de conta que acontece o ensino por parte do professor e aprendizagem por parte do estudante. Então como avaliar nesse momento? Apesar de ser um processo que ainda está em estudo, é importante destacar que os princípios pedagógicos do fazer docente estejam delineados para o objetivo que se quer no desenvolvimento de determinadas habilidades nos estudantes. As ferramentas digitais auxiliarão nesse processo, porém o mais importante é a clareza do conteúdo, objetivos e procedimentos didático-pedagógicos.

A educação está passando por uma mudança paradigmática, em que as tecnologias serão parte indissociável das nossas vidas. Logo, é um processo lento, que não acontece de uma hora para outra, portanto, professores não devem se sentir culpados em não dominar rapidamente todas as ferramentas, aplicativos e demais recursos digitais para realizar uma aula. Até ontem todos os estudantes estavam sentados em fileiras, um atrás do outro em salas de aula presenciais, hoje esse cenário se converteu em salas de aulas virtuais e cada um em sua casa, ou seja, todos estão em processo de mudança e novas aprendizagens estão ocorrendo.

Sugere-se investir em atividades que proporcionem um protagonismo do estudante, pois ele está com a informação em suas mãos. Pesquisas e entrevistas são maneiras de promover debate entre os estudantes e assim o professor pode observar o envolvimento e riqueza dessa interação. Portfólios são bem-vindos, além de textos coletivos via plataformas digitais de compartilhamento e colaboração. O *feedback* imediato também é importante para que o estudante se sinta responsável pela construção de suas habilidades e competências. Além disso, as redes sociais, habitualmente utilizadas neste ano de 2020 (*facebook, instagram, twitter*) possuem potenciais educativos desde que a intenção do conteúdo seja definida com clareza. Então, por que não explorar esses meios para avaliar habilidades e competências? Essas são algumas possibilidades que há para realizar o processo de avaliação no ensino remoto, demonstrando um espectro que vai além de um simples teste final de papel e lápis, limitando muitas vezes o potencial criativo dos estudantes que possuem múltiplas competências. Não se despreza o uso de provas objetivas com tempo limitado, ao

contrário, como foi demonstrado, é possível utilizar mais de uma maneira de se avaliar aliado à essa tradicional metodologia.

Considerações finais

Todos estão assolados pela velocidade de como as coisas se transformaram no âmbito educacional, impactando os envolvidos nesse processo. Os professores se preocupam em como contemplar a realidade de cada estudante nas atividades e como fazer com que essas atividades cheguem de forma atrativa a essas crianças e jovens. Por meio dos relatos é possível sentir certo grau de desespero, incertezas e inseguranças, mas ao mesmo tempo, um alento de pessoas que acreditam na mudança e continuam estudando e se dedicando para aprender com as novas demandas educacionais.

O cuidado, a sensibilidade, a empatia, o esforço e o estudo na hora de avaliar são fundamentais. Para muitos professores e estudantes, as ferramentas digitais se tornaram um novo aprendizado, que habitualmente não era de costume ser utilizadas. Dessa forma, é importante considerar o desenvolvimento de todos, incluindo professores nesse transcurso, por meio do processo da autoavaliação.

A tecnologia para muitos era ou é vista como uma inimiga, mas seus benefícios se bem utilizada, podem contribuir para avaliar a aprendizagem dos estudantes.

Esse trabalho evidenciou a importância de repensar as práticas docentes referente ao processo avaliativo para o desenvolvimento de habilidades e competências. Nesse momento os objetivos de ensino e aprendizagem foram remodelados para uma perspectiva que contemple o desenvolvimento de competências socioemocionais e pessoais.

Na maioria das vezes há cobranças por qualidade, aprovações e outros fatores pertinentes ao desenvolvimento da educação formal, mas tanto no ensino presencial quanto no ensino remoto sabe-se que o ideal (discurso) muitas vezes não é o real (prática), pois confronta-se com a *realidade* que abriga diferentes demandas sociais.

O contexto pós-pandêmico não será mais o “normal”, cuja tecnologia será um elemento quase indispensável em muitos momentos de aula, e voltar a reproduzir sistemas avaliativos que preconizam um resultado, puramente mecânico, talvez não vá suprir a demanda desses estudantes. Por isso, deve-se ter um olhar atento àqueles que pouco ou nenhum acesso tiveram às aulas remotas. Nesse caso, a empatia é bem-vinda e a valorização da boa vontade e disposição do estudante ao aprender na hora de fechar a “temida nota” também. Aliás, avaliar é muito mais do que dar uma nota, mas apresentar argumentos da evolução de desempenho e aprendizagem dos estudantes, percebidos no processo de ensino.

Referências

ALVES, José Matias. Entre o caos e a esperança. *In*: ALVES, José Matias; CABRAL, Ilídia (Orgs.). **Ensinar e aprender em tempo de COVID-19: entre o caos e a redenção**. Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, 2020.

ARAÚJO, Claisy Maria Marinho; RABELO, Mauro Luiz. Avaliação educacional: a abordagem por competências. **Avaliação**, Campinas- SP, v. 20, n. 2, p. 443-466, jul. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/aval/v20n2/1414-4077-aval-20-02-00443.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2020.

BULEGON, Ana Marli; PRETTO, Valdir. **Educação mediada por tecnologias de informação e comunicação: possibilidades no ensino e as novas práticas pedagógicas**. Diálogos plurais - Coleção Desenvolvimento Regional, Meio Ambiente e Educação, 2020. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-02518656/document>. Acesso em: 05 jun. 2020.

DIAS, Pablo Lourenço; OLIVEIRA, Isolina. Avaliação formativa em ambiente wiki: regulação e feedback. *In*: OLIVEIRA, I.; AMANTE, L. (Coords.). **Avaliação das Aprendizagens: perspectivas, contextos e práticas**. Universidade Aberta-LE@D, 2016.

GRILLO, Marlene Correro; LIMA, Valderez Marina do Rosário. Especificidades da avaliação que convém conhecer. *In*: GRILLO, Marlene Correrão; GESSINGER, Rosana Maria (Orgs.). **Porque falar ainda em avaliação?** Porto Alegre: EDIPUC, 2010.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 2013.

MOREIRA, José António; SCHLEMMER, Eliane. Por um novo conceito e paradigma de Educação Digital Onlife. **Revista UFG**, Goiás, v. 20, n. 26, p. 2 - 35, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/63438/34772> Acesso em: 2 jun. 2020.

OLIVEIRA, Isolina; AMANTE, Lúcia. Nova cultura de avaliação: contexto e fundamentos. *In*: OLIVEIRA, Isolina; AMANTE, Lúcia (Coords.). **Avaliação das Aprendizagens**: perspectivas, contextos e práticas. Universidade Aberta-LE@D, 2016.

PÁDUA, Elisabete Metello Marchesini de. **Metodologia da pesquisa**: abordagem teórico-prática. Campinas, SP: Papirus, 2018.

PROFESSORA 1. **Questionário**. Santa Maria (Rio Grande do Sul), 27 abr. 2020.

PROFESSORA 2. **Questionário**. Santa Maria (Rio Grande do Sul), 27 abr. 2020.

PROFESSORA 3. **Questionário**. Santa Maria (Rio Grande do Sul), 27 abr. 2020.

PROFESSORA 4. **Questionário**. Santa Maria (Rio Grande do Sul), 27 abr. 2020.

PROFESSORA 5. **Questionário**. Santa Maria (Rio Grande do Sul), 27 abr. 2020.

SANTOS, Edméa; LIMA, Gilson Alves. Avaliação da aprendizagem em educação online: cocriação de fundamentos, práticas e dispositivos. *In*: OLIVEIRA, Isolina; AMANTE, Lúcia (Coords.). **Avaliação das Aprendizagens**: perspectivas, contextos e práticas. Universidade Aberta-LE@D, 2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2013.

SUASSUNA, Livia. Avaliação da escrita escolar: a importância e o papel dos critérios. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 66, p. 275-293, out./dez. 2017. Disponível em:

<file:///C:/Users/Deltasul/Documents/Artigos%20Mendeley/Avalia%C3%A7%C3%A3o%20da%20escrita%20escolar%20a%20import%C3%A2ncia.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2020.

VIEIRA, Isabel Antunes. A autoavaliação como instrumento de regulação da aprendizagem na aula de inglês do 10º ano. *In*: OLIVEIRA, Isolina; AMANTE, Lúcia (Coords.). **Avaliação das aprendizagens**: perspectivas, contextos e práticas. Universidade Aberta-LE@D, 2016.